

A LITERATURA SERGIPANA – “MALES” DE ORIGEM, “BENS” DE FORMAÇÃO: A SAGA DE UMA ESCRITA DE SERGIPE POR SERGIPE

Claudefranklin Monteiro Santos

Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe

Graduado em História e Mestre em Educação pela UFS

Doutorando em História pela UFPE

Pesquisador do Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades (GPCIR –

UFS/Cnpq)

Membro do Movimento Antônio Garcia Filho (MAC)

Simone Contreira da Rosa

Professora da Rede Municipal e Estadual de Ensino de Lagarto-SE

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú

Graduada em Letras e Pós-graduada em Estudos Literários e Linguísticos Aplicados ao

Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade José Augusto Vieira

RESUMO

Este trabalho visar colaborar com os acadêmicos e pesquisadores sobre as origens da Literatura Sergipana e seu desenvolvimento, dando enfoque à diferença entre formação e fundação histórica segundo Marilena Chauí, acompanhando a história, respeitando o espaço-cultura, não alterando assim, a realidade de cada época, considerando os fatores históricos, sociais, políticos e culturais sob a ótica de Jackson da Silva Lima. Observando-a não como algo diferenciado e desvinculado da literatura brasileira, mas em consonância com ela e suas tendências particulares e universais na visão de Antonio Candido, as quais se combinam e variam desde as suas primeiras manifestações até a sua autonomia.

Palavras-chave: Literatura Sergipana – História – Trajetória.

ABSTRACT

This work to seek to inform academics and researchers on the origins of Sergipana literature and its development. Attention is paid to the difference between the formation and historical foundation of this literature, using the distinction made by Marilena Chauí. We consider the history, the cultural space, and the realities of each period, considering the historical, social, political and cultural factors using the perspective of Jackson da Silva Lima. This perspective is not differentiated and disarticulated from Brazilian literature, but in consistent with both the literature itself and with the particular and universalistic tendencies found in the vision of Antonio Cândido's, which have both combined and differentiated from their first manifestations up to their present autonomy.

Keys-word: Literature Sergipana – History – Path

A principal obra sobre a literatura sergipana, não só pelo grau de sistematização e pela riqueza analítica, está completando 40 anos. Lançada em 1971, em dois volumes (dos oito previstos), História da Literatura Sergipana é um marco da sergipanidade no campo das artes e foi gestada com o intuito de ser um guia para estudiosos no assunto. Contando com o apoio do Governo João de Andrade Garcez, quando era Secretário de Educação o Sr. Nestor Piva e da Diretora de Cultura e Patrimônio Histórico, a antropóloga Beatriz Góis Dantas, com recursos do Fundo de Publicação de Obras Sergipanas.

Em seu prefácio, Manoel Cabral Machado destaca o fervor pela solidão dos mortos ao se referir ao Jackson pesquisador: “(...) *investigar o pretérito é forma especial de conhecimento das realidades atuais*”. Segue, ainda, ressaltando a vocação pela pesquisa histórica, sua postura de historiador literário e a farta documentação que embasara a obra.

Nesse afã, o presente texto quer mergulhar numa discussão sobre as origens e a formação da literatura sergipana, numa perspectiva nacional, procurando chamar a atenção de entusiastas e pesquisadores para a importância e a necessidade do aprofundamento e amadurecimento dos estudos nessa área tão desejosa de informação e esclarecimentos além dos que o velho mestre Jackson da Silva Lima nos apontou com tanta propriedade e presteza.

Diante mão, começamos por discutir uma questão chave: os “males” de origem. Delimitar o marco de fundação da literatura sergipana e o percurso do seu desenvolvimento é algo que chama à atenção de pesquisadores e estudiosos da literatura, pois, embora possa atestar a presença do autor, do texto e do leitor – que materializam a informação – estes são permeados de controvérsias, ora, por está atrelado à tradição oral e ao estado da Bahia; ora, aos ideais europeus.

Embora tardias, suas formação e sistematização ajudaram-na firmar a sua existência, que para “bens” floresceu por meio de diferentes vozes de sergipanos que representam o engrandecimento de uma literatura nacional. Tendo em vista a necessidade de explicitar o processo de construção e desenvolvimento da arte literária sergipana, devido a controvérsias diante da demarcação, vez que não existia uma grande produção e nem muitos autores e leitores, torna-se importante a referida pesquisa de cunho bibliográfico e descritivo.

A Literatura Sergipana pode ser entendida como o registro de fatos históricos e de representação do real, já que representar faz parte da natureza do homem. Também pode ser uma linguagem que chama atenção de si mesma e tem o propósito de retratar uma

determinada época. As produções artísticas existentes durante o processo de formação histórica da literatura sergipana é de tradição oral e, essencialmente poesias. A prosa, em suas diferentes concepções, se existia não fora registrada.

Para nortear o estudo da formação da literatura em questão, bem como a sua origem, é preciso interpretar alguns termos significativos da formação da literatura nacional para relacioná-los, tão logo, à sergipana. Inicialmente, diferenciar o conceito de “formação” e de “fundação” tornou-se a forma de pensar de Marilena Chauí¹. Para a escritora, o termo formação, está relacionado aos historiadores e refere-se não só às determinações econômicas, sociais e políticas que produzem um acontecimento histórico, mas também as transformações e, portanto, na continuidade ou na descontinuidade dos acontecimentos, percebidos como processos temporais. O registro da formação é a história propriamente dita e suas representações, sejam aquelas que conhecem o processo histórico, sejam as que a ocultam, isto é, as ideologias.

Diferentemente da formação, a “fundação” se refere a um momento passado imaginário e visa algo tido como perene (quase eterno) que traceja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido. A fundação oferece um repertório inicial de representações da realidade, e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna como da ampliação de seu sentido. Assim, as ideologias que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica.

Nesse contexto, Antônio Candido faz um estudo da “*formação da literatura brasileira como síntese de tendências universalistas e particularistas*” (1981, p.25) e, afirma que se combinam e variam desde as principais manifestações até se dominar nas concepções neoclássicas e românticas.

Candido Distingue manifestações literárias de literatura propriamente dita. Sendo as manifestações literárias, as produções artísticas existentes no Brasil antes do Arcadismo e, literatura às produções após Arcadismo.

¹ CHAUI, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. 2000.

Considera a literatura como “*sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase*” (ibid., p.25-26); o sistema previsto necessita da existência de um conjunto de produtores literários, conscientes do seu papel, pois será através dessa conscientização que alcançarão os diferentes tipos de público leitor – os receptores, sem os quais a obra não vive e de um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos e enviada por um meio de comunicação), que liga um a outros.

“O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação, a “literatura”, que aparece sob este ângulo como sistemas simbólicos, por meio dos quais as veidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretações das diferentes esferas da realidade”. (Ibid., p.25-6)

Mesmo perante essas considerações e da progressão da literatura através de um processo histórico, pode-se apreender que no período colonial já havia uma literatura brasileira com aspectos particulares, que já exprimiam certa oposição entre a nossa realidade e a do colonizador. O que não se poderia exigir é que a literatura brasileira fosse independente com características próprias, uma vez que a nossa situação político-social era de dependência e sujeição completa e, ainda não possuíamos o sistema previsto, diz Candido (produtor, receptor e meio transmissor).

O vínculo histórico de formação e de desenvolvimento que nos subordinava a Portugal, não chega a descaracterizar a nossa literatura, pois ela, apesar de ser um prolongamento cultural e social da metrópole, adequou à sua situação dicotômica do espaço-cultura, isto é, história e sociedade, que é específica de uma determinada área geográfica com elementos físicos e sociais próprios ao seu contexto. Nesse espaço-cultura é que a literatura brasileira, desde o século XVII principalmente, apresenta elementos e fatos particulares, característicos, diferenciados dos existentes na literatura portuguesa.

O entrelaçamento de concepções distintas, a divergência progressiva entre a nossa cultura em formação e a da pátria portuguesa pode ser percebida em produções literárias de Gregório de Matos, Manuel Botelho, Frei Manoel de Santa Itaparica, Padre Aspicuelta Navarro, dentre outros.

Se há controvérsias entre a existência e conceituação da literatura brasileira em relação à literatura portuguesa do período colonial, muito mais controvérsias há entre a caracterização da literatura sergipana em confronto com as literaturas de outros Estados, pois se sabe que para haja um desdobramento das letras, faz-se necessário um desenvolvimento cultural e, este se fez mais em extensão do que em profundidade.

Desta forma, pode-se acreditar na inexistência de literaturas estaduais ou regionais, o que não se confirma em Sergipe devido à presença de culturas locais se explicaria através de contingências geoeconômicas. Porém, não é pertinente estudar a literatura sergipana isolada das demais, sem levar em consideração o complexo sócio-cultural que a envolve e a influencia, enfocando-a dentro de uma perspectiva regional e evidenciando os seus momentos e traços específicos, dentro de uma articulação universal.

Há ainda que considerar a diversificação econômica e cultural do Brasil. Só existe unidade no âmbito político-administrativo. Fora isso, a heterogeneidade se faz presente nos aspectos geoeconômico e cultural em particular, literário. Já no campo geoeconômico, há divergências entre as regiões Sul, Norte-Nordeste e Centro-oeste.

No campo cultural restrito, nunca houve uma literatura padrão para todo o território nacional, uma prova disso é o fato de o Barroco mineiro ser considerado tardio em relação ao baiano. Devido ao já mencionado espaço-cultura, cogita-se a existência de uma literatura sergipana, diferente das de outros Estados, com sinais e características particulares. O espaço-cultura individualiza a nossa literatura, tornando assim, inaplicáveis muitas das vezes à cronologia da literatura brasileira.

Nota-se que nos séculos XVII e XVIII, por força de nossas precárias condições sócio-econômicas, não se tem registro de uma literatura culta. Nesse período, o pré-literário, tem-se uma sublitteratura oral, inculta, de cunho essencialmente popular e religioso, cujas fontes vivas desapareceram pouco a pouco, à medida que o elemento alienígena impunha a sua cultura.

A literatura adquirir um grau de desenvolvimento intelectual. Exige-se a presença de um estágio cultural avançado e, nos aludidos séculos, a sergipana não havia atingido o necessário escalão social, propício ao surgimento do fenômeno literário. Segundo Lima, até a primeira década do século XIX, a única matéria do curso secundário estudada, era o latim, da qual havia duas cadeiras em toda a Província, juntamente com tantas outras de primeiras letras.

Esse dado é importante para a literatura sergipana, uma vez que confirma o conceito de Candido a respeito de particularidades, pois só na 2ª metade do século XIX, logo após separação de Sergipe da Bahia, aparecem de fato os elementos e as condições imprescindíveis à gestação de uma literatura como expressão da realidade sergipana. Isso, porém, como já fora citado, não isenta a presença, antes dessa década, de poetas e prosadores sergipanos como: Padre Lourenço Ribeiro (séc.XVII), Luís Canelo de Noronha (séc.XVIII), membro da “Academia Basílica dos Esquecidos”, a primeira fundada no Brasil. Esses sergipanos de nascimento são figuras isoladas de nossas letras, e se enquadram na chamada fase barroca. Todos se destacaram no gênero lírico.

Os estudiosos das primeiras manifestações literárias sergipanas, Lima Júnior, Sílvio Romero, Prado Sampaio e Magalhães Carneiro elegeram como marco inicial das manifestações literárias em Sergipe, a pessoa e a obra de Constantino Gomes e seu livro *Himnos da Minha Alma* (1851).

Oliveira Teles estabelece como ponto de partida a emancipação política de Sergipe (1820/1824), ao passo que Nobre de Lacerda, se decide pela fundação da imprensa em nosso Estado (1832); por sua vez, Sebrão Sobrinho atribuiu ao Prof. Joaquim Maurício Cardoso a edificação da intelectualidade sergipana (1829), juntamente com a circulação do “Recopilador Sergipano” (1832), nosso primeiro órgão da imprensa.

Dada às complexidades do processo, esses quatro critérios, ou quaisquer outros tomados isoladamente, não poderão esclarecer a contento o aparecimento ou formação do fenômeno literário em nosso meio, nas primeiras décadas do século passado.

A partir do século XIX, a educação vai se desenvolvendo e, conseqüentemente, vai nascendo condições sócio-históricas para o florescimento da literatura sergipana.

Segundo Lima², antes disso, muitos se deslocavam para centros culturais mais desenvolvidos, voltavam depois à terra natal com um acervo de novos conhecimentos e perspectivas. Após readaptarem-se à sua Província, lutavam para criar uma cultura em que se pudessem viver e construir seu mundo artístico com condições limitadas. Em termos nacionais, passavam despercebidos e, por maiores que fossem não tinham a mínima significação, pois eram alijados das antologias e histórias literárias, que quase sempre eram elaboradas por integrantes

² LIMA, Jackson da Silva. *História da literatura sergipana*. V.1. Aracaju: Fundesc, 1971. p. 27-76. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.p.25-27.

de centros culturais desenvolvidos. Ao lado de outras figuras anônimas que não se afastaram da terra natal, constituem espontâneos núcleos literários e artísticos, e vão estruturando o patrimônio cultural da Província, desvinculados, às vezes do contexto nacional. Entretanto, nomes como o de Tobias Barreto e Sílvio Romero saem da terra e suas contribuições se dão a nível nacional e chegam ao estado de Sergipe de forma diluída no dizer de Lima.

Para que se compreenda melhor, uma obra para que seja incorporada à nossa literatura, é preciso que o autor, antes de tudo, se integre à nossa realidade histórico-cultural. Não importa se nasceu aqui ou em outro estado, o que importa é a sua presença atuante, ou a sua vinculação direta nos movimentos e manifestações literárias aqui disseminadas.

A convergência dos fatores sócio-culturais abria espaço para fundamentar as primeiras manifestações literárias e artísticas em nosso Estado. Em 1834, apareciam de fato os primeiros exercícios poéticos de Oliveira Campos e, entre outros, Joaquim Inocêncio dos Tupinambás Navarro, esse acontecimento serviria como ponto de partida à literatura sergipana. Em 1835, seria a vez do teatro, em sua fase rudimentar, mais ligado às declamações poéticas que às representações artísticas.

Exerceu importante papel na fase de revelação histórica de nossas letras, a circulação em São Cristóvão, do jornal “Noticiador Sergipense” (1835-1837) que, ao contrário do Recopilador Sergipano (1832-1834) de Estância, se restringia a transcrever publicações de jornais da Corte e de outras Províncias, o “Noticiador Sergipense” prestaria inestimáveis serviços à cultura regional, pois divulgava por todo o território nacional, as primeiras produções de autores conterrâneos, inclusive o “Hino de Sergipe” cuja letra é da lavra de Oliveira Campos com adaptação musical de Frei Santa Cecília. Daí por diante, outros nomes dariam continuidade às nossas letras como Brás Diniz e Padre Lobo.

Por volta de 1830, a situação econômica de Sergipe era relativamente boa, levando em conta as precárias condições generalizadas da época.

O fenômeno literário constitui apenas um dos múltiplos aspectos do processo histórico universal, em constante interação com outras manifestações culturais afins, que se interpenetram e com eles se amalgamam e se unem. Por mais esse motivo, é que se investiga o processo da formação da literatura sergipana dentro de uma perspectiva de fundação, do contexto nacional e sociológico que a envolve, não considerando qualquer fato em particular como ponto de partida único e absoluto. O desenvolvimento histórico do fenômeno literário

em todas as partes do mundo se iniciou pelo verso e, em Sergipe não foi diferente. O arcabouço da referida literatura começa a delinear-se nos primeiros anos da década de 30, no século XX, com a poesia, devido a fatores que determinaram à configuração de um ambiente literário: a estrutura social, os valores ideológicos e as técnicas de comunicação. O ambiente tornava-se propício à existência do fato literário devido à comunicação artística – autor, obra e público – que, segundo Candido, são determinantes ao desenvolvimento da literatura. Sendo a arte representação social e a obra um sistema simbólico de comunicação inter-humana, pode-se assim dizer que, há comunicação artística necessária ao desabrochar de uma literatura. Tem-se então, uma literatura realmente sergipana definida dentro da literatura brasileira e diferente das literaturas de outros estados membros da federação.

A ficção sergipana não apresenta todas as manifestações literárias existentes no Brasil, pois, ainda não havia um desenvolvimento educacional, econômico, social e político indispensável. A saber, a educação em nosso território começa a galgar os seus primeiros passos a partir de 1830, com a instalação do Liceu de São Cristóvão.

Somente entre as décadas de 20 e 50, o fenômeno literário se corporifica em nosso meio, quando uma série de fatores desencadeou o desenvolvimento da província: a separação definitiva de Sergipe da Bahia (1820/1824), a centralização Administrativa (a partir de 1824), o incremento à instrução pública (a partir de 1825), a presença de latinistas e pedagogos competentes (1829), a instalação do Liceu de São Cristóvão (1830), a fundação da Imprensa (1832), a criação da cadeira da Poética (1833) desmembrada da cadeira de Retórica, os primeiros ensaios poéticos de Oliveira Campos e de Tupinambás Navarro (1834), a organização do Teatro (1835), a circulação do “Noticiador Sergipense”, sobretudo a partir de 1836.

Diante destas circunstâncias e das condições peculiares ao nosso espaço-cultura, não se estruturaram algumas correntes literárias, como o indianismo e o realismo-naturalismo, pois a nossa formação histórica não possibilitava esse ambiente de formação literária, vez que, se trilhava, ainda, os primeiros passos e, nosso Estado estava geograficamente e literariamente distante dos centros culturais que nortearam a literatura brasileira, por isso, compreende-se a desatualização à adoção de princípios e correntes estéticas, mas, segundo Jackson da Silva Lima, “o espaço-cultura dá a Sergipe um acervo histórico que individualiza as nossas letras”, (1971, p.33) porque para que a obra de um autor para que seja incorporada à literatura

sergipana é preciso a integração deste escritor à nossa realidade sócio-cultural, como parte da formação e como uma construção de uma auto-identidade, seguindo à tradição com questionamentos e, baseando-se em uma nova estrutura.

Frente às pesquisas realizadas, pode-se dizer que o projeto literário sergipano busca responder a duas proposições: a de uma linguagem em curso criativo, ou seja, valorizar a linguagem local e, a de uma realidade contextual – observar os fatores históricos.

Postas as coisas nesse termo, inicia-se a sistematização da literatura em estudo, com a poesia arcádica de Oliveira Campos, Tupinambás Navarro e Frei Santa Cecília, ainda sem expressivo rigor estético. Já no decênio de 40, aprimora-se o fazer poético, ganha corpo o arcadismo e, entre outros, surgem os nomes do Prof. Braz Diniz e o Padre Inácio da Costa Lobo.

Em nossa literatura não houve transição entre as escolas clássica e romântica. Durante anos, perdurou o classicismo na poesia de Sergipe, mesmo depois que entre nós, surgiu o Romantismo (1852). A primeira tentativa de transição para o Romantismo surge em 1848, através de Prelúdios Poéticos, escrito por Constantino Gomes. Porém, por ser desvinculada da nossa literatura, não se efetua a transição. Somente em 1851, com a obra *Himnos da Minh'alma*, desse mesmo poeta, tem-se de fato, a fase de transição. Autor e obra tornam-se importante, pois além de ter colaborado na fomentação da nova estética, influenciou o grupo de poetas, criado em 1852, em Estância. Destacam-se, dentre outros, poetas como Pedro Calazans, Joaquim Calazans e Mondim Pestana.

A fase romântica inicia-se também com a publicação do jornal “União”, em Estância (1852) e, cujos poetas consagrados foram Joaquim Esteves e Constantino Gomes. Esse princípio vincula à realidade literária sergipana à brasileira, no sentido de o Romantismo ter se firmado e desenvolvido através de um público-receptivo proporcionado pelos folhetins, ou seja, a presença da imprensa foi de grande relevância para a instauração da literatura e, desta forma, pode-se traçar o perfil da identidade literária brasileira. No caso de Sergipe, foi também a chegada dela que desenvolve as nossas letras.

Nos últimos anos de 50, a poesia atinge apogeu romântico, e a prosa começa a se desenvolver em seus diversos gêneros: conto, crítica literária, dramaturgia, novela, romance. As disparidades entre as literaturas nacional e local começam a diminuir a partir do decênio de 60. Na década de 70 entra em decadência da literatura poética romântica e, ganham vulto a prosa, com os trabalhos de Constantino Gomes, Brício Cardoso e Pedro Calazans. Nos dez

anos seguintes, surgem as manifestações parnasianas com Filinto Elíseo do Nascimento, João Ribeiro, Jason Valadão, Gumercindo Bessa, Prado Sampaio e Oliveira Teles. Os três últimos recém chegados e formados em Direito, no Recife.

A partir do decênio seguinte, cresce o parnasianismo em nossa terra com Fausto Cardoso, Garcia Rosa, João Pereira Barreto, Arthur Fortes; ainda nessa década aparecem as manifestações simbolistas com Deodato Maia, Carvalho Aranha. As sementes do neoparnasianismo começam a brotar a partir dos anos 1900 e 1920, com a fundação de órgãos culturais, como o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

No ano de 1922, surgem os reflexos da “Semana de Arte Moderna”, com a chamada fase pré-moderna, desencadeando reações nas gerações conservadoras. Em 1928, tomam força os modernistas e aglutinam-se com os da velha guarda na “Hora Literária”, onde mais tarde, nasce a Academia Sergipana de Letras.

O Pré-modernismo em Sergipe é introduzido através dos textos de Abelardo Romero Dantas, escritor lagartense e José Maria Fontes, nas noites de poesias promovidas no Cinema Guarany; esse período literário é inaugurado pelo “Trem Noturno”, cuja autoria é de Abelardo Romero Dantas, no ano de 1931, obra na qual está explícito o rompimento com os cânones poéticos dominantes, com o poema de forma fixa, estrofe definida, rimado e metrificado, aderindo ao movimento Futurista italiano, Felipo Marinetti, lançando assim, o Pré-modernismo em território sergipano. A partir de então, os modernistas conquistam novos adeptos e através de periódicos de grande circulação conseguem impor a sua ideologia.

Dentro dessa conjuntura, a literatura sergipana passa por três processos de desenvolvimento, os quais poderiam chamá-los de “fase vital”, a saber: a **primeira** delas de 1834 a 1851, à qual se denomina processo de apropriação, pois está em formação ou nascimento, onde se corporifica o fenômeno literário em Sergipe devido à Emancipação Política (1820), a abertura do Liceu de São Cristóvão (1830), Recopilador Sergipano (Estância – 1832), nascimento da cadeira poética (1833), surge em 1834 os primeiros poetas sergipanos (Oliveira Campos e Tupinambás Navarro) juntamente com a fusão da herança nacional e o contexto social local; a poesia mimética é em moldes clássicos com a representação de Sergipe em uma linguagem neoclássica, mais voltada às questões da terra e do homem sergipano; essa fase pode ser designada como árcade e romântica, cuja fase romântica há três círculos – sendo um em Estância (1832) com o Recopilador Sergipano, Tupinambás Navarro e Oliveira Campos, outro

em São Cristóvão (1835) com o Noticiador Sergipense, Oliveira Campos e Frei Santa Cecília e, outro em Laranjeiras (1840) com o Inácio Costa Lobo e Brás Diniz de Villas-boas.

A **segunda** vai 1851 a 1928 e denomina-se processo de posse, onde se encontra em vias de estruturação ou adolescência da literatura, surgindo a diferença entre a cultura local e de outros estados, esta fase ainda é romântica e tem-se como obra “Himnos da Minh’alma” (1851), de Constantino Gomes, em 1857 surge a maioria estética com o ilustre Tobias Barreto, no plano real reflete-se a realidade sergipana, inicia-se a fase parnasiana e simbolista com a manipulação das estruturas básicas e, em 1870 há um declínio na poesia – crescimento da prosa e do drama, o teatro e a prosa surgem a partir de Constantino Gomes, em 1870 há uma estruturação e reformulação dos elementos projetados no ciclo anterior cujas características são a concepção idealizadora do real, mítica telúrica (mito da terra), fantasia ingênua (não tem senso crítico ainda), prevalência sensorial (poesia sonora), esses elementos desdobram-se no Romantismo empolgando a linguagem parnasiana e simbolista, em 1880 as primeiras manifestações parnasianas surgem com Filinto Elíseo, João Ribeiro e Jason Valadão, há um amadurecimento da arte pela arte com Fausto Cardoso, Garcia Rosa, João Pereira Barreto e Arthur Fortes, representando o simbolismo e parnasianismo com a poesia de superstição tem-se Hermes Fontes, que ecoou através de Deodoro Sampaio, e Carvalho Aranha, nesta fase aparecem ainda Jackson de Figueiredo e Gamaliel Mendonça e, as fronteiras do modernismo chegam com Clodoaldo de Alencar.

A **terceira** e última fase que se inicia em 1928 e vai até a contemporaneidade, chama-se de processo de reflexão, à qual percebe-se uma reestruturação ou fase adulta, quando é publicado o artigo “O pensamento novo”, de José Maria Fontes em 1924, já em 1928 Abelardo Romero promove o recital de poesias, lançando assim, as sementes do modernismo em Sergipe, no ano de 1929 no Cine Teatro O Guarany há audição de poesia moderna, houve um período de consolidação entre 1928 e 1932 com José Maria Fontes, no qual se valorizava o cotidiano e o sentimento social, a linguagem do dia-a-dia e coloquial, o humanismo social e a poesia universal aparecem em 1945, o Movimento Cultural de Sergipe/ Clube Sergipano de Poesia (CESPO), promove em 1953 a inventividade e criticidade, neste período há um dualismo regional e social, em 1960 começa a experimentação e a linguagem econômica, onde os problemas sociais do homem e o homem e a terra são apresentados, na década de 70 surge a obra existencial (o eu) e de grande inventividade lingüística, nas duas décadas do século XX assume-se a postura híbrida e a consciência crítica com experimentação formal, a linguagem

de prevalência inventiva (brincar com o real), a concepção crítica do real (já aparece a crítica) e o substrato de consciência ideológica.

O percurso de a literatura sergipana dar-se em consonância com a literatura brasileira, porém devido às limitações do nosso espaço-cultura e das nossas condições geográficas, econômicas, sociais e políticas, esse desenvolvimento tornou-se tardio, mas, não desvinculado do contexto social e local, o que a faz está engajada no ciclo das produções artísticas existentes no início do nosso processo de formação literária. Apenas, devido à realidade existente em nosso Estado, às vezes, essa literatura não pode ser englobada à periodização da literatura brasileira, mas, essa não é uma particularidade das nossas letras, uma vez que o país possuía uma diversidade econômica e cultural, à qual pode ser observada até a atualidade. No dizer de Jackson da Silva Lima, essa particularidade até individualiza as nossas letras.

Diante das circunstâncias em que se encontrava Sergipe nos séculos XVII e XVIII, não possuímos uma literatura culta, e sim, oral e de cunho religioso que foram desaparecendo à medida que outras culturas iam sendo impostas. Já que para que uma literatura seja desenvolvida necessita de intelectuais e nós não a tínhamos, esse florescer aconteceu a partir de desenvolvimento da educação, onde através da imprensa as poesias começaram a circular e, desta forma, chegar ao seu desabrochar.

Como a literatura se desenvolve através de um processo histórico, em Sergipe havia uma carência de fatores que a tornassem autônoma. Mas, com a instauração de uma política centralizada, inovação cultural e social, tornou-se possível a sua “chegada”, pois, a partir do século XIX já possuíamos produtores, leitores e imprensa, fazendo com que a literatura sergipana pudesse se firmar. Desta forma, com as ideologias do momento presentes, alimentava-se e adequava-se a literatura à história local (particular) e universal.

Com o desenvolvimento recém-chegado, possibilitou o surgimento em maior proporção, de uma literatura com traços individuais que, aos poucos ia se aproximando do contexto nacional. Esse desenvolvimento deve-se também, ao fato de muitos intelectuais saírem de Sergipe para estudar fora, fato este que fez de Sílvio Romero um grande literário, bem como Tobias Barreto e Abelardo Romero. Mas, essa saída em busca de educação, não é elemento desencadeador da nossa literatura, apenas é uma contribuição que favorece o crescimento porque houve outros que mesmo sem sair de Sergipe propiciaram o engrandecimento das nossas letras.

A nossa “fundação” começou a partir da poesia e desenvolveu-se até a prosa, não sendo diferente da literatura nacional. Ela inicia-se em moldes árcades até chegar ao Romantismo.

O Arcadismo em Sergipe durou muito tempo até a chegada do Estilo posterior 1852 com “Himnos da Minh’alma”, de Constantino Gomes, esta considerada a obra demarcadora da Literatura Sergipana, por conter vínculo com a nossa realidade e com a realidade nacional, além de influenciar outros poetas. O auge do Romantismo sergipano acontece somente no final da década de 50.

A prosa romântica ganha adeptos na década de 70, seguindo até os anos 80, com a chegada do Parnasianismo.

As reações modernas chegaram a Sergipe a partir de 1922, juntamente com os reflexos da Semana de Arte Moderna. Através das Noites da Poesia promovidas no Cinema Guarany, que enquadra os escritores no Movimento Modernista.

Dentro desse contexto, a Literatura Sergipana passa por três processos: de nascimento, de estruturação e de reestruturação; os quais mais tarde foi enquadrado numa cronologia, que abrange o Arcadismo e Romantismo; ainda, Parnasianismo e Simbolismo e, por fim, o Modernismo.

No tocante as letras, apesar do atraso sócio-cultural-político de Sergipe, nada deixa a desejar à literatura brasileira, pois ainda assim, pode-se fazer frente a ela não só no cenário nacional como também internacional, pela gama de representantes.

Diante das contradições e de acontecimentos que não favoreciam o surgimento da ficção em Sergipe, consegue-se nortear um estudo da literatura sergipana não seguindo a divisão da Historiografia da Literatura Brasileira, mas no âmbito regional local, mesmo porque se sabe que não se desvincula o processo histórico da fundação da literatura, uma vez que, para delinear o processo literário é necessária uma sequência natural dos fatos até a sua autonomia.

Desta forma, pode se dizer que a literatura sergipana conquistou autonomia, conseguiu sua identidade, por está vinculada aos fatos e à realidade local, como também é perene; além de, a partir da sua autonomia e identidade conseguiu influenciar outros que aqui assistem ou chegam para residir, de forma que conhecendo ou vivendo a realidade da terra, pode simbolizá-la através da escrita, fazendo assim, literatura sergipana, dentro da sua conjuntura e contextualizando-a.

Vale-se ressaltar que nomes como Constantino Gomes, Tupinambás Navarro, Frei Santa Cecília, fazem parte do momento denominado de nascimento da literatura em nosso meio; Filinto Elíseo, João Ribeiro, Tobias Barreto, Sílvio Romero e Jason Valadão do momento o qual designado de adolescência e, também, José Maria Fontes juntamente com o parceiro Abelardo Romero, o qual sem as suas obras não teríamos alcançado o início do Modernismo em nossa história, com o momento ao qual chamamos de adulto em nossa literatura.

Devido a todos os fatos e desenvolvimentos explicitados aqui, percebe-se que a literatura sergipana não é carente de obras e nem ausente de representantes, apenas o que se pode constatar é que ela acompanhou os fatos históricos, respeitando todos os nossos limites e dentro do espaço-cultura, não alterando assim, a realidade. Em suma, acredita-se que antes do progresso político, social e cultural desenvolvido em Sergipe, já haviam dado os primeiros passos na literatura local. Desta forma, faz-se necessário uma pesquisa mais detalhada sobre as obras aqui existentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Acrísio Torres. Literatura Sergipana. 2 ed. Brasília-DF: 1976.
- BRASIL, Assis. A Poesia Sergipana no Século XX (Antologia). Rio de Janeiro: Imago Ed.; Aracaju-SE: SEED, 1998. pp. 68-70.
- CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CHAUÍ, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. 2000. Cap. 1 e 5.
- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. Enciclopédia de literatura brasileira. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.
- LIMA, Jackson da Silva. História da literatura sergipana. V.1. Aracaju: Fundesc, 1971.
- SANTOS, Claudefranklin Monteiro. História da Literatura Sergipana I - A Trajetória do Homem e de uma obra Patrimonial. Jornal do Dia, Aracaju-SE, p. 04, 28 maio 2009.
- _____. História da Literatura Sergipana II - Preliminares ao Estudo da Literatura Sergipana. Jornal do Dia, Aracaju-SE, p. 04, 10 jun. 2009.
- _____. História da Literatura Sergipana III - Gênese da Literatura Sergipana. Jornal do Dia, Aracaju-SE, p. 04, 16 jun. 2009.
- _____. História da Literatura Sergipana IV - Particularidades da Literatura Sergipana. Jornal do Dia, Aracaju-SE, p. 04, 19 jun. 2009.
- _____. História da Literatura Sergipana V - Marcos Representativos. Jornal do Dia, Aracaju-SE, p. 04, 24 jun. 2009.